



ROBERT BRYNDZA

A SOMBRA DA NOITE

ROBERT BRYNDZA

A SOMBRA DA NOITE

Tradução de
Ana Lourenço

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

NIGHT STALKER © Robert Bryndza 2016
© 2017 Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *A Sombra da Noite*
Título original: *Night Stalker*
Autor: Robert Bryndza
Tradução: Ana Lourenço
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes
Arranjo de capa: Duarte Lázaro/Alma dos Livros
Imagens de capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.
ISBN: 978-989-99933-6-5
1.ª edição: outubro de 2017

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Para Ján, Riky e Lola

*Vai crescendo a escuridão: regressa a gralha à espessura do bosque.
As aves noturnas descem desejosas de presa.*

William Shakespeare, *Macbeth*

1

Era uma noite sufocante do final de junho. A figura vestida de preto corria despreocupada, avançando na escuridão, os pés mal tocando no estreito caminho de terra, baixando-se e torcendo-se com agilidade para evitar o contacto com as densas árvores e os arbustos. Como se uma sombra deslizesse pelas folhas silenciosamente.

O céu noturno não passava de uma tira fina por entre as copas das árvores; a poluição luminosa da cidade tingindo de tons crepusculares a vegetação rasteira. A pequena figura semelhante a uma sombra chegou a uma abertura no matagal à direita e parou abruptamente: imóvel, ofegante, com o coração a galopar.

Um feixe de luz azul-esbranquiçada iluminou a zona quando o comboio das 19:39 para London Bridge dispensou o gásóleo e levantou os braços de metal até aos cabos elétricos. A sombra agachou-se quando os vagões iluminados passaram ruidosamente. Registraram-se mais dois clarões e o comboio desapareceu, com a estreita fila de arbustos a mergulhar de novo na escuridão.

A sombra voltou a arrancar a grande velocidade, deslizando silenciosamente enquanto o caminho fazia uma leve curva e se afastava da via-férrea. As árvores começaram a escassear à esquerda, deixando exposta uma rua de casas geminadas. Passaram imagens rápidas dos quintais: retângulos escuros com móveis de jardim, barracões de ferramentas, um balçoço — tudo imóvel no denso ar da noite.

E então a casa ficou à vista. Era de estilo vitoriano como as outras daquela rua — três andares de tijolo claro —, mas o proprietário

fizera uma ampliação em vidro na parte detrás que se projetava no rés do chão. A sombra sabia tudo: conhecia a disposição da casa, os horários do proprietário e, o mais importante, que naquela noite ele estaria sozinho.

A sombra parou abruptamente na extremidade do jardim. Havia uma árvore grande junto à vedação de arame encostada ao caminho de terra. Parte do tronco tinha crescido em volta do metal, e as dobras da madeira mordiam o poste enferrujado como uma grande boca sem lábios. Uma pesada auréola de folhas rodopiava em todas as direções, obscurecendo a vista da via-férrea a partir da casa. Algumas noites antes, a sombra fizera aquele percurso e cortara cuidadosamente uma parte da vedação, mas deixando-a no mesmo sítio. Por isso foi fácil puxá-la naquele momento, e a sombra agachou-se e ras-tejou pela abertura. A relva estava seca e o solo debaixo dela estalara devido às semanas sem chuva. A sombra pôs-se em pé debaixo da árvore e, com um movimento rápido e fluido, atravessou o relvado como se não passasse de uma mancha preta.

Havia um aparelho de ar condicionado instalado na parede traseira da casa. Zumbia alto, abafando o ténue ruído dos pés na gravi-lha que cobria o carreiro entre a extensão de vidro e a casa vizinha. A sombra chegou a uma janela de guilhotina baixa e parou sob o peitoril largo. Lá dentro havia luz, que se projetava formando um quadrado amarelo na parede da casa vizinha. Levantando o capuz do casaco, a sombra ergueu-se lentamente e olhou por cima do peitoril.

O homem lá dentro estava na casa dos quarenta, era alto e bem constituído, vestia calças beges e camisa branca com as mangas arregaçadas. Atravessou a cozinha ampla, tirou um copo de vidro de um dos armários e serviu-se de vinho tinto. Bebeu um longo trago e encheu-o novamente. Pegou numa embalagem de comida congelada que estava na bancada, retirou o invólucro de cartão e furou a tampa de plástico com o saca-rolhas.

O ódio avolumou-se no interior da sombra. Era inebriante ver o homem lá dentro, saber o que estava prestes a acontecer.

O homem na cozinha programou o micro-ondas e colocou a comida lá dentro. Depois de um bipe, foi iniciada a contagem decrescente.

Seis minutos.

O homem bebeu mais um gole de vinho e saiu da cozinha. Momentos depois, uma luz acendeu-se na janela da casa de banho, exatamente por cima de onde a sombra estava agachada. A janela abriu-se alguns centímetros e ouviu-se um rangido quando a torneira do duche foi aberta.

Com o coração a bater descompassadamente, a sombra agiu depressa: abriu o fecho de uma bolsa para transportar dinheiro à cintura, retirou uma pequena chave de fendas achatada e enfiou-a na nesga onde a janela encontrava o peitoril. Com pouca pressão, ela cedeu. A janela de guilhotina subiu suavemente e a sombra deslizou pela abertura. Pronto. Todo o planeamento, os anos de angústia e dor...

Quatro minutos.

A figura caminhou até à cozinha e, com movimentos rápidos, pegou numa pequena seringa de plástico e esguichou o seu líquido transparente para o copo de vinho tinto, misturando tudo antes de voltar a posá-lo delicadamente na bancada de granito preto.

A sombra ficou parada por um momento, à escuta, saboreando as ondas de ar fresco saídas do ar condicionado. A bancada de granito preto cintilava debaixo das luzes.

Três minutos.

A sombra atravessou a cozinha rapidamente, passou pelo corrimão de madeira ao fundo das escadas e entrou num poço de escuridão atrás da porta da sala. Momentos depois, o homem desceu as escadas só de toalha. O micro-ondas apitou três vezes, indicando que a comida estava pronta. Quando o homem passou descalço pela porta, o cheiro a pele limpa ficou a pairar no ar. A sombra ouviu o tinir dos talheres a serem retirados da gaveta e o barulho de um banco a arrastar no chão de madeira quando o homem se sentou para comer.

A sombra exalou profundamente, saiu da escuridão e subiu as escadas em silêncio.

Para observar.

Para aguardar.

Para pôr em prática a vingança que há tanto tempo planeava.

2

QUATRO DIAS DEPOIS

O ar da noite estava abafado e húmido na tranquila rua do sul de Londres. As traças esvoaçavam e entrechocavam-se no arco alaranjado de luz do candeeiro de rua que iluminava as casas geminadas. Estelle Munro caminhava com dificuldade pelo passeio, com a artrite a tornar o seu andar vagaroso. Quando se aproximou da luz, saiu do passeio para a estrada. O esforço para descer a berma fê-la gemer, mas o medo que tinha das traças era maior do que a dor da artrite nos joelhos.

Estelle passou por entre dois carros estacionados, deu uma grande volta para evitar o candeeiro, sentindo o calor do sol a irradiar do asfalto. A onda de calor já ia na segunda semana e oprimia os moradores de Londres e do Sudeste de Inglaterra. Juntamente com o de milhares de outras pessoas idosas, o coração de Estelle protestava. Ouviu ao longe a sirene de uma ambulância como que a ecoar os seus pensamentos. Ficou aliviada ao ver que as lâmpadas dos dois candeeiros seguintes estavam fundidas e, lenta e dolorosamente, passou pelo espaço entre outros dois carros estacionados e voltou para o passeio.

Estelle tinha-se oferecido para dar de comer ao gato do filho, Gregory, enquanto ele estava fora. Não gostava de gatos. Só se oferecera porque queria bisbilhotar a casa e ver como se safava o filho desde que a mulher, Penny, o deixara, levando consigo o seu neto de cinco anos, Peter.

Estelle estava sem fôlego e coberta de suor quando chegou ao portão da elegante casa geminada do filho. Na sua opinião, era a casa mais bonita da rua. Tirando de baixo da alça do sutiã um lenço grande, limpou o suor do rosto.

A luz alaranjada do candeeiro da rua refletia-se no vidro da porta da frente enquanto Estelle procurava a chave. Quando abriu a porta, foi atingida por uma golfada sufocante de calor e entrou com relutância, pisando as cartas espalhadas sobre o tapete da entrada. Ligou o interruptor ao lado da porta, mas o corredor permaneceu às escuras.

– Raios partam. Outra vez, não – resmungou, fechando a porta depois de entrar. Enquanto tentava apanhar a correspondência, deu-se conta de que era a terceira vez que a energia faltava quando Gregory estava fora. Isso acontecera uma vez por causa da luz do aquário, e outra quando Penny deixara a luz da casa de banho acesa e a lâmpada explodira.

Estelle tirou o telemóvel da mala e, tateando desajeitada com os dedos nodosos, desbloqueou o ecrã, que lançou uma auréola de luz de um metro, iluminando a carpete clara e as paredes. Deu um salto ao ver o seu reflexo fantasmagórico no espelho grande do lado esquerdo. A meia-luz dava aos lírios da sua blusa sem mangas um ar escuro e venenoso. Apontou a luz para a carpete e arrastou os pés na direção da porta da sala, apalpando a parede em busca do interruptor, para verificar que não era apenas a lâmpada do corredor que se fundira. Ligou e desligou o interruptor, mas nada aconteceu.

Em seguida, o ecrã do telemóvel apagou-se e ela viu-se mergulhada numa escuridão completa. Apenas o som da sua respiração laboriosa cortava o silêncio. Entrou em pânico ao tentar desbloquear o telemóvel. A princípio, os seus dedos artríticos não se moveram com a rapidez necessária, mas, por fim, ela conseguiu acender a luz novamente, fazendo incidir na assoalhada em frente um círculo de luz azul.

O espaço estava sufocante: o calor oprimiu-a, tapando-lhe os ouvidos. Era como se estivesse debaixo de água. Partículas de pó rodopiavam no ar; uma nuvem de moscas minúsculas esvoaçava silenciosamente sobre um prato de porcelana elegante cheio de bolas de madeira em cima da mesinha de centro.

– É apenas uma falha de energia! – exclamou, e a sua voz ressoou na lareira de ferro. Estava aborrecida por ter entrado em pânico. Era só o disjuntor, nada mais. Para provar que não havia por que ter medo, iria primeiro beber um copo de água fresca; depois, ligaria a luz. Virou-se e caminhou com determinação na direção da cozinha, segurando o telemóvel com o braço estendido.

A cozinha de vidro tinha um aspeto cavernoso à média luz, estendendo-se até ao jardim. Estelle sentiu-se vulnerável e exposta. Houve um tremor e depois ouviu o som do comboio a passar pela linha no terreno atrás da casa. Foi até um armário e tirou um copo. Sentia ferroadas quando o suor lhe entrava nos olhos; limpou o rosto com o braço nu. Dirigiu-se ao lavatório, encheu o copo e estremeceu ao beber a água morna.

A luz do telemóvel apagou-se de novo e um estrondo no primeiro andar quebrou o silêncio. Estelle deixou cair o copo, estilhaçando-se no chão de madeira. O seu coração desatou a bater acelerado, e ela pôs-se à escuta na escuridão, ouvindo mais barulho no andar de cima. Tirou o rolo da massa de um recipiente na bancada e foi até ao fundo das escadas.

– Quem está aí? Tenho *spray* de pimenta e vou chamar a polícia! – gritou para a escuridão.

Silêncio. O calor era opressivo. A ideia de bisbilhotar na casa do filho desaparecera. Estelle só queria ir para a sua aconchegante e bem iluminada casa e assistir aos melhores momentos do Torneio de Wimbledon.

Algo se lançou das sombras no cimo das escadas e veio na direção dela. Estelle recuou em choque e quase deixou cair o telemóvel. Só então viu que era o gato. Ele parou e roçou-se nas suas pernas.

– Raios partam, que susto me pregaste! – exclamou, aliviada, o coração a abrandar. Chegou-lhe um cheio nauseabundo vindo do patamar da escada. – Era só o que me faltava. Fizeste alguma porcaria lá em cima? Tens a caixa de areia e a portinhola para entrares e saíres quando quiseres.

O gato levantou o olhar para Estelle com indiferença. Para variar, ela sentiu-se contente com a presença dele.

– Anda, vou dar-te comida.

Ficou aliviada quando o gato a seguiu até ao armário sob a escada; deixou-o roçar-se nas suas pernas enquanto procurava a caixa dos

disjuntores. Ao abrir a porta de plástico, viu que um deles estava desligado. *Estranho*. Ligou-o e o corredor encheu-se de luz. Ouviu-se um bipe distante quando o ar condicionado ganhou vida.

Voltou à cozinha e acendeu a luz. O aposento e a imagem de Estelle refletiam-se nas enormes janelas. O gato saltou para a bancada e observou-a de olhar zombeteiro enquanto ela varria o copo partido. Depois de recolher os vidros, abriu uma embalagem de comida para gatos, deitou o conteúdo num pires e pousou-o no chão de pedra. O ar condicionado funcionava no máximo. Ela ficou parada por um momento a deixar o ar fresco passar-lhe pelo corpo, vendo o gato a lambe e a morder com delicadeza o quadrado de comida gelatinosa com a língua rosada.

O fedor intensificava-se e avançava cozinha adentro enquanto o ar condicionado sugava o ar da casa. O pires retiniu quando o gato lambeu o resto da comida; depois, ele saiu disparado na direção da parede de vidro e desapareceu pela portinhola.

– É comer e fugir. E eu que arrume tudo – comentou Estelle.

Pegou num pano e num jornal velho e seguiu na direção da escada, que subiu lentamente, com os joelhos a queixarem-se. O calor e o mau cheiro acentuavam-se à medida que subia. Quando chegou ao cimo, avançou pelo patamar bem iluminado. Inspeccionou metodicamente a casa de banho vazia, o quarto vago e o espaço sob a secretária no pequeno escritório. Não havia sinal de um presente deixado pelo gato.

O cheiro tornou-se insuportável quando chegou à porta do quarto principal. Colou-se à garganta de Estelle, que teve ânsias de vômito. *De todos os cheiros nojentos, o da porcaria de gato é o pior*, pensou.

Entrou no quarto e acendeu a luz. As moscas zumbiam. O edredão azul-escuro estava puxado para trás na cama de casal e sobre ela havia um homem nu deitado de barriga para cima, com um saco de plástico amarrado com força sobre a cabeça e os braços atados à cabeceira. Tinha os olhos abertos, projetando-se do plástico de modo grotesco. Estelle precisou de um momento para identificar o corpo.

Era Gregory.

O seu filho.

Então, fez algo que não fazia há anos.

Gritou.

3

Aquele era o jantar menos agradável em que a inspetora-chefe Erika Foster participava em muito tempo. Quando o anfitrião, Isaac Strong, abriu a máquina da louça e começou a enchê-la de pratos e talheres, gerou-se um silêncio constrangedor, interrompido apenas pelo zumbido baixo da ventoinha no canto, que pouco fazia para diminuir o calor. Em vez disso, espalhava ondas de ar quente pela cozinha.

– Obrigada, a lasanha estava deliciosa – elogiou ela, quando Isaac se aproximou para lhe levantar o prato.

– Usei natas meio gordas no molho bechamel – comentou ele.
– Notou-se?

– Não.

Isaac voltou para a máquina da louça e Erika olhou em volta na cozinha. Era elegante, estilo francês rústico: armários brancos pintados à mão, bancadas de madeira clara e um espaçoso lava-louça *Butler* branco de cerâmica. Erika perguntou a si mesma se, como patologista forense, Isaac tinha evitado, de propósito, o aço inoxidável. Os seus olhos pousaram no ex-namorado de Isaac, Stephen Linley, sentado diante dela à grande mesa da cozinha, olhando-a com desconfiança e de lábios contraídos. Era mais novo do que Erika e Isaac: tinha uns trinta e cinco anos. Parecia um Adónis robusto de rosto bonito, mas tinha expressões dissimuladas de que ela não gostava. Erika esforçou-se por neutralizar a atitude dele com um sorriso, depois bebeu um gole de vinho e tentou pensar em algo para dizer. O silêncio começava a prolongar-se de forma desconfortável.

Isso não acontecia quando ela estava com Isaac. Ao longo do último ano, tinham jantado juntos várias vezes naquela aconchegante cozinha francesa. Riam-se, revelavam alguns segredos, e Erika sentia o nascer de uma forte amizade. Conseguira abrir-se com Isaac sobre a morte do marido, Mark, menos de dois anos antes, mais do que com qualquer outra pessoa. Em troca, Isaac falara-lhe da perda do grande amor da sua vida, Stephen.

No entanto, ao passo que Mark morrera tragicamente no cumprimento do dever durante uma rusga policial, Stephen destroçara o coração de Isaac trocando-o por outro homem.

Por isso fora uma grande surpresa para Erika encontrar Stephen ali. Na verdade, não tanto uma surpresa... mais uma emboscada.

Embora vivesse em Inglaterra há mais de vinte anos, Erika desejou que o jantar decorresse na sua terra natal, a Eslováquia. Ali, as pessoas eram diretas.

O que se passa? Podias ter-me avisado! Porque não me contaste que o idiota do teu ex-namorado estaria aqui? És louco ao ponto de o deixar voltar para a tua vida depois do que te fez?

Ela quisera gritar ao entrar na cozinha e ver Stephen sentado languidamente de calções e *T-shirt*. Mas sentira-se constrangida, e a educação britânica ditava que fizesse vista grossa e fingisse estar tudo normal.

– Alguém quer café? – perguntou Isaac, fechando a máquina da louça e virando-se para eles. Era um homem alto e bonito, de testa grande e farta cabeleira escura penteada para trás. Os olhos castanhos grandes eram emoldurados por finas sobranceiras arranjadas, que podiam estar arqueadas ou franzidas para comunicar todo o tipo de emoções. Nessa noite, porém, ele parecia apenas constrangido.

Stephen fez rodar o vinho branco no copo e olhou de Erika para Isaac.

– Café... *já*? Ainda nem são oito horas, Isaac, e está uma brasa. Abre mais vinho.

– Não, café, seria ótimo, obrigada – aceitou Erika.

– Se tens de beber café, pelo menos usa a máquina – disse Stephen. Depois acrescentou, para marcar território: – O Isaac contou-lhe? Comprei-lhe a *Nespresso*. Custou uma fortuna. Usei parte do adiantamento que recebi do último livro.

Erika esboçou um sorriso delicado e tirou uma amêndoa torrada de um prato no centro da mesa. O barulho que fez ao mastigá-la cortou o silêncio. Durante o confrangedor jantar, quase só Stephen abriu a boca, falando-lhes, em grande pormenor, do novo romance policial que estava a escrever. Também se encarregou de falar demoradamente sobre perícia forense, o que Erika achou algo ridículo, tendo em conta que Isaac era um dos mais importantes patologistas forenses do país e que ela própria, como inspetora-chefe da Polícia Metropolitana de Londres, solucionara vários homicídios no mundo real.

Isaac começou a tirar os cafés e ligou o rádio. *Like a Prayer*, da Madonna, aliviou o silêncio.

– Põe mais alto! Adoro a Madge – pediu Stephen.

– Vamos ouvir alguma coisa mais suave – retorquiu Isaac, passando pelas várias estações até as doces e pesarasas cordas de um violino substituírem a voz estridente de Madonna.

– Supostamente, ele é *gay* – disse Stephen, revirando os olhos.

– Só acho que um som mais suave seria melhor agora, Stevie.

– Caramba. Não temos oitenta anos! Vamos divertir-nos. O que quer fazer, Erika? Como se diverte?

Aos olhos de Erika, Stephen era um poço de contradições. Vestia-se de forma heterossexual, como um atleta da American Ivy League, mas os seus movimentos eram de uma leveza bastante efeminada. Cruzou as pernas e franziu os lábios, à espera de resposta.

– Acho que... vou lá fora fumar um cigarro – disse ela, esticando o braço na direção da mala.

– A porta lá em cima está destrancada – informou-a Isaac, lançando-lhe um olhar de desculpa. Ela forçou um sorriso e saiu da cozinha.

Isaac vivia em Blackheath, perto de Greenwich. O quarto de hóspedes no primeiro andar tinha uma pequena varanda. Erika abriu a porta de vidro, saiu e acendeu um cigarro. Soprou o fumo para o céu escuro, sentindo a intensidade do calor. A noite de verão não tinha nuvens, mas as estrelas eram ténues contra a névoa da poluição luminosa que se elevava da cidade diante dela. Erika seguiu o *laser* do Observatório de Greenwich e ergueu a cabeça para ver onde ele desaparecia no meio das estrelas. Deu outra passa e ouviu os grilos a cantar no jardim escuro lá em baixo, misturados com o zumbido do trânsito vindo da movimentada rua detrás.

Estaria a ser demasiado dura por Isaac permitir que Stephen regressasse à sua vida? Ou sentia ciúmes porque o seu amigo solteiro já não estava solteiro? Não... Ela queria o melhor para Isaac, e Stephen Linley era um indivíduo tóxico. Refletiu com tristeza que talvez não houvesse espaço na vida de Isaac para ela e Stephen.

Pensou no apartamento pequeno e escassamente mobilado a que tinha dificuldade em chamar lar e nas noites solitárias que passava na cama a olhar para a escuridão. Erika e Mark tinham partilhado a vida de diversas formas, que iam além da relação de marido e mulher. Haviam sido colegas e entrado na polícia de Manchester com pouco mais de vinte anos. Erika fora uma estrela em ascensão, rapidamente promovida a inspetora-chefe, patente superior à de Mark, que a amara ainda mais por isso.

Então, quase dois anos antes, Erika liderara a desastrosa rusga que resultara na morte de Mark e de quatro colegas. Depois disso, a tristeza e o fardo da culpa tinham às vezes parecido demasiado pesados, e ela sentira dificuldade em encontrar o seu lugar no mundo sem o marido. O recomeço em Londres fora difícil, e o trabalho no Comando de Homicídios e Crimes Graves da Polícia Metropolitana tinha sido a única coisa a que conseguira dedicar a sua energia. Mas se no passado fora uma estrela em ascensão, agora estava desacreditada, e a progressão na carreira ficara suspensa. Era uma agente objetiva, dedicada, brilhante e que não brincava em serviço – mas não tinha tempo para as politiquices na polícia e entrara frequentemente em conflito com os seus superiores, fazendo alguns inimigos poderosos.

Acendeu outro cigarro e pensava se inventaria uma desculpa para se ir embora quando a porta de vidro se abriu atrás dela. Isaac espreitou e saiu para a varanda.

– Acho que te vou cravar um – disse ele, fechando a porta e aproximando-se dela junto ao gradeamento de ferro.

Erika sorriu e estendeu-lhe o maço. Isaac tirou um cigarro com uma das suas mãos grandes e elegantes e inclinou-se na direção de Erika para que ela o acendesse.

– Desculpa, estraguei tudo hoje – disse ele, endireitando o corpo e exalando fumo.

– A vida é tua. Mas podias ter-me dado um toque.

– Aconteceu tudo tão depressa. Ele apareceu esta manhã aqui à porta, passámos o dia a conversar e... sabes. Era demasiado tarde para desmarcar... não que eu quisesse desmarcar o jantar.

Erika apercebeu-se da angústia no rosto dele.

– Isaac, não precisas de me dar explicações. No entanto, se eu fosse a ti, escolheria a luxúria como justificação. Foste dominado por ela. Sendo mais perdoável.

– Sei que o Stephen é uma pessoa complicada, mas é diferente quando estamos juntos sozinhos. É vulnerável. Achas que se eu abordar isto corretamente, se estabelecer limites, a coisa pode resultar desta vez?

– É possível... E pelo menos ele não pode matar-te de novo.

Stephen inspirara-se em Isaac para criar um patologista forense nos seus livros e depois matara a personagem, num ataque homofóbico bem pormenorizado.

– Falo a sério. O que achas que devo fazer? – perguntou Isaac, com os olhos angustiados.

Erika suspirou e pegou-lhe na mão.

– Não vais querer ouvir o que penso. Gosto de ser tua amiga.

– Valorizo a tua opinião, Erika. Por favor, diz-me o que devo fazer...

A porta rangeu. Stephen apareceu descalço com um copo cheio de uísque e gelo.

– Dizer-lhe o que fazer? Sobre o quê? – perguntou com aspereza.

O silêncio constrangedor foi quebrado pelo som de uma mensagem a chegar ao telemóvel de Erika, que se encontrava no fundo da mala. Ela tirou-o e leu a mensagem, franzindo a testa.

– Está tudo bem? – perguntou Isaac.

– O corpo de um homem branco foi descoberto numa casa em Laurel Road, Honor Oak Park. Parece suspeito – disse Erika, antes de acrescentar: – Merda, não trouxe o carro. Vim de táxi.

– Vais precisar de um patologista forense. Posso levar-te no meu carro – sugeriu Isaac.

– Pensei que estavas de folga esta noite – queixou-se Stephen, indignado.

– Estou sempre de serviço, Stevie – disse Isaac, parecendo desejoso de sair dali.

– Certo, então, vamos – aceitou Erika, que não resistiu a provocar Stephen: – Parece que o café da sua máquina vai ter de esperar.